O RETRATO DA VELHICE SOB DUAS PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS[[1]](#footnote-1)

Mailda de Jesus Montel Corrêa Arantes[[2]](#footnote-2)

Orientador: Amarildo Fernandes Pessoa[[3]](#footnote-3)

**RESUMO**: o presente artigo tem em vista examinar, através do tempo, a condição dos velhos na história da humanidade sob a perspectiva da filósofa Simone de Beauvoir e do filósofo Cícero. Segundo a autora, o sentido e o valor da velhice varia com as sociedades, embora seja quase consensual que o velho seja visto como um fardo inútil e decrépito. Assim, o velho, enquanto categorial social, não tem representação própria; seu destino atende aos interesses práticos e ideológicos da coletividade, logo, seu estatuto lhe é outorgado e sua condição é rejeitada, pois a velhice não é compreendida como uma fase da vida, mas como o limite dela. Já em Cícero, veremos que a velhice pode ser produtiva, dinâmica, ativa e prazerosa. O pensador produziu uma defesa da velhice em que, cuidadosamente, ele expõe os motivos pelos quais, para a maioria, a velhice é detestável. Para ele, o fundamento filosófico para uma vida satisfeita é viver de acordo com as leis da natureza.

**Palavras chaves**: Velhice; Coletividade; tempo; Natureza; Morte e Vida.

ABSTRACT

This article aims to examine, trough the time, the condition of the elderly in human history from the perspective of the philosopher Simone de Beauvoir and the philosopher Cícero. According to the author, the meaning and value of old age vary with societies, although it is almost consensual that the old man is seen as a useless and decrepit burden. Thus, the old, as a social category, has no self-representation; his destiny meets the practical and ideological interests of the community, therefore, his status is granted and his condition is rejected, because old age is not understood as a phase of life, but as its limit. In Cícero, we will see that old age can be productive, dynamic, active and pleasurable. Thinker produced a defense of old age. He carefully explains the reasons why, for most, old age is hateful. For him, the philosophical foundation for a satisfied life is to live according to the laws of nature. In this way, everything that is born also grows and dies, that is, it is wise to accept this divine precept. As a defender of the immortality of the soul, death does not scare him.

Keywords: Old age, Community, Time, Nature, Death and Life.

INTRODUÇÃO

Em que consiste o envelhecimento? Ao responder a essa pergunta, cada indivíduo apresentará uma resposta própria, segundo suas inclinações de valor. O envelhecimento para alguns pode representar a falta de vitalidade que os excluem do convívio social; para os que têm aptidões narcísicas, envelhecer significa depauperamento físico, falta de vigor, flacidez, rugas, sulcos na pele, alvejados pelo tempo; para outros, envelhecer é a falta de equilíbrio motor e mental necessários para condução da própria vida; a debilidade da memória que não consegue distinguir o passado e o presente. O processo de envelhecimento para essas pessoas apresenta sempre uma tônica negativa, como algo inservível, inútil, e a velhice é vista como uma fase de decrepitude humana, uma condição abjeta desprezível. Essa percepção desfavorável e depreciativa acerca da velhice é encontrada em todas as épocas, aspecto que muitas vezes aflige os longevos, embora, “nenhum homem que vive muito tempo escapa à velhice; é um fenômeno inelutável e irreversível” (BEAUVOIR, 2018, p. 40).

Em contrapartida, há os que postulam o envelhecimento como um estado de espírito que se realiza primeiro na mente para depois refletir no corpo, para essas pessoas, a percepção de envelhecimento é de plenitude e enaltecimento. Envelhecer é viver com arte, desfrutando o presente sem animosidade pelos anos cronologicamente contabilizados, e com bom ânimo enfrentam as mudanças presenteadas pelo tempo, como nos apresenta Cícero:

“A natureza é a grande mestra da vida; lutar contra ela é esforço vão e inglório; sendo a vida humana um produto da natureza, é compreensível que tenha um fim; a aceitação da velhice e, ao final a morte são realidades a que se deve submeter o sábio” (CÍCERO, 1998, p. 3).

A velhice é uma condição que sempre atormentou a humanidade, muitos filósofos se debruçaram sobre o tema se empenhando para ajudar a humanidade a lidar de maneira assertiva com a passagem do tempo. Embora esforços fossem somados para mitigar o acumulado dos dias vividos, envelhecer ainda é visto como um fardo, como declínio humano.

Exatamente porque desejamos longevidade negando as implicações da velhice e porque podemos ter dela uma percepção equivocada, é necessário investigar o tema. Examinaremos o assunto sob duas perspectivas, nós o faremos a partir da obra escrita pela filósofa Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir,[[4]](#footnote-4) ou simplesmente Simone de Beauvoir, considerada uma das principais representantes do movimento existencialista[[5]](#footnote-5). Para tanto, usaremos o livro A Velhice (1970), nessa obra a autora faz um levantamento histórico sobre o processo de envelhecimento das diferentes nações e culturas, bem como denuncia o tratamento concedido aos idosos nas sociedades antigas e atuais, sua obra desvela os mitos criados acercada velhice, ela aponta a visão filosófica e literária e a repercussão dessas percepções que até hoje incorporam a sociedade. Incisivamente teceu severas críticas sobre as sociedades que marginalizam e negligenciam sua população idosa.

Recorreremos também, ao pensamento de Marco Túlio Cícero (106 AC),[[6]](#footnote-6) que escreveu um tratado sobre a velhice, Catão, o velho ou Diálogo sobre a Velhice (Cato Maior seu de Senectude), nessa obra, o pensador, dedica o tema ao seu amigo Tito Pompônio Ático, pois ambos estão vivendo essa fase da vida, no entanto, antes de aprofundar sobre o assunto, o filósofo tece elogios à filosofia. Ele entende que a filosofia é um lenitivo para aqueles que acolhem todas as fases da vida sem angústias. *De Senectude*, revela a importância de viver de acordo com a natureza, respeitando todas as fases da vida, desta forma, a velhice não será insuportável muito menos um fardo, a não ser para aqueles inconformados, que culpam o envelhecimento por todos os seus sofrimentos. “Não é crível que ela (A Natureza), tendo disposto com sábia ordem as outras etapas da vida, fosse se descuidar, qual mau poeta, a última quadra” (CÍCERO, 1998, p. 57).

O RETRATO DA VELHICE NAS SOCIEDADES HISTÓRICAS EM SIMONE DE BEAUVOIR

A velhice não se caracteriza somente em seu aspecto biológico ela é também um produto da construção sócio cultural, portanto varia de acordo com o tempo e lugar. Simone de Beauvoir apresenta sob um viés pessimista, o entendimento que a sociedade faz sobre a velhice.

A condição dos velhos nas sociedades primitivas era fundamentada por mitos que justificava os costumes impostos pela comunidade, necessários à sobrevivência, conforme a seguir:

“Em muitas coletividades, venera-se o chefe como encarnação da divindade que habitará o corpo do seu sucessor, depois de sua morte: mas se essa encarnação se encontra, então, enfraquecida pela idade, não poderá proteger eficazmente a comunidade: é preciso, portanto, matar o chefe antes do declínio” (BEAUVOIR, 2018, p. 45).

Há registro de uma determinada comunidade que tinha a prática ritualística de enterrar vivo, velhos que ocupavam posições importantes, pois eles acreditavam que o último suspiro deveria ser guardado no interior de seu corpo, evitando desta forma a extinção da comunidade. Esses ritos tinham o princípio de regeneração, ou seja, reencontrar a juventude perdida, a comunidade muito crédula justificava essa prática pelos mitos: “a passagem do tempo não é concebida como prenúncio de futuro, mas como distanciamento da juventude” (BEAUVOIR, 2018, p. 46).

Nas sociedades primitivas pobres a velhice era exaltada, entretanto, nas sociedades ricas e sedentárias, os velhos tinham condições de subsistir. Nas comunidades sedentárias, o sustento era o problema, para os nômades além da manutenção havia o deslocamento, se os idosos não conseguiam seguir eram abandonados, ou seja, o destino dos velhos atendia aos interesses da coletividade.

Excepcionalmente, a China proporcionou uma condição privilegiada aos velhos, dentre a população tinha muitos doutos, hierarquicamente eles ocupavam lugar de destaque. Confúcio fundamentou essa esfera social na família, o homem mais velho da casa era sempre obedecido, esse respeito extrapolava o âmbito familiar. A autoridade foi moralmente justificada por Confúcio, que associou a velhice à posse da sabedoria, embora muitas vezes fosse suportada com resignação ou desespero, que às vezes culminava em suicídio, de jovens que lastimavam a opressão de que eram vítimas, mas a velhice nunca foi denunciada como uma punição.

Laotseu ensinava que ao completar 60 anos, o homem atinge o momento de libertar-se do próprio corpo através do arrebatamento e desta forma se santificar. Para ele o homem alcançaria a santidade através da ascese e pelo êxtase o indivíduo se protegia da própria morte. Para o filósofo a velhice é uma ocasião suprema, de elevado alcance espiritual.

Embora se reconheça que envelhecer é uma lei comum e que o homem sempre a temeu, muitos povos assim como os egípcios nutriam a esperança de vencê-la, como se lê em um papiro: “Início do livro sobre o modo de transformar um velho em um jovem. Aconselha-se a consumir glândulas frescas retiradas de jovens animais” (BEAUVOIR, 2018, p. 98).

Sobre o lugar dos velhos na Grécia antiga, Simone de Beauvoir discorre que as mitologias preponderantemente apresentam a condição do velho entres os povos da antiguidade sob a perspectiva do conflito de geração. Havia uma disputa de poder entre as gerações e na maioria das vezes os jovens são sempre vitoriosos. Há muitos registros desses conflitos na história e literatura da Grécia antiga. Segundo Hesíodo, Geia concebeu Urano, grande fecundador, descrito como pai desnaturado e tirânico, foi destronado pelo seu filho Krono que por sua vez também sucumbido às investidas de seu filho Zeus. Há várias versões desses relatos míticos, porém é interessante a percepção que se tem desses relatos:

“os antigos deuses ao envelhecerem, tornam-se cada vez mais maldosos e pervertidos – ou, pelo menos, sua malevolência tirânica torna-se cada vez mais intolerável, e acaba por suscitar uma revolta que os destrona. Doravante, quase todos os deuses que reinam no mundo são jovens” (BEAUVOIR, 2018, p. 102).

Os mitos e ritos de regeneração apresentada pelos povos antigos manifestam um ideal de juventude que ecoa no imaginário coletivo. A humanidade sempre apresentou de um modo geral, muita dificuldade em lidar com a passagem do tempo, o que ele acarreta e representa em nós. Desde a antiguidade a juventude foi sempre almejada e a velhice desprezada, há uma busca pelo ser eterno como demonstra a literatura, os mitos de Títono e Éson respectivamente:

“Aurora, obtendo para seu esposo a imortalidade, esqueceu de pedir que esta fosse acompanhada de uma eterna juventude. Na história de Éson, rejuvenescido no limiar da morte pelos sortilégios de sua nora Medeia, expressa-se o velho sonho de uma eterna juventude. Essa história é simétrica à Títono: a imortalidade não é nada sem a juventude; ao contrário, eternizar a juventude seria para o homem a felicidade suprema (BEAUVOIR, 2018, p. 103).

Platão e Aristóteles divergem acerca das percepções sobre a velhice. Para Platão seu ideal autorizava o velho a menosprezar o depauperamento físico, uma vez arrefecidos os apetites do corpo a alma se libertam, para ele a alma é superior às necessidades do corpo. Em *A República*, Céfalo no diálogo com Sócrates tece elogio à velhice: “quanto mais se enfraquecem os outros prazeres – os da vida corporal tanto mais crescem, em relação às coisas do espírito, minhas necessidades e alegrias.” (BEAUVOIR, 2018, p. 115) O pensador, aos 80 anos escreveu *As leis*, nessa obra ele ressalta a obrigação e o respeito dos filhos para com os pais idosos, enfatizando que nada é mais digno que um pai e um avô, que uma mãe e uma avó todos velhos.

Ao examinar a velhice, Aristóteles segue um caminho oposto ao de Platão, na sua concepção a velhice feliz seria aquela cujo corpo não manifestasse moléstias. Segundo ele, a alma tem relação necessária com o corpo e para o bom desempenho do indivíduo é preciso que o corpo esteja saudável. Em *A Retórica*, o estagirita menospreza a velhice, ele atribui características negativas que julga ser inerente ao caráter dos velhos, conforme se lê: “Os idosos ao contrário dos jovens são, inseguros, mau caráter, mesquinhos, covardes, frios, egoístas, impudicos, pessimistas, maledicentes, coléricos, fracos e queixosos.” (A RETÓRICA, 2005, p. 197). Desse modo, para o filósofo a experiência dos velhos não representa progresso, mas involução, condição que os afasta do poder.

Na sociedade romana, os velhos ricos pertenciam à elite, seus bens lhe garantiam prestígio e respeito. O senado composto por ricos proprietários de terra e de bens agrícolas beneficiava a velhice, seus valores tinham estreita relação com a posse. Tradicionais e conservadores, a condição privilegiada do velho é asseverada pela família. O poder de páter-famílias tinha direito sobre todas as posses e pessoas da família, o patriarca tinha decisão de vida e morte dos seus. Com o declínio da oligarquia, a partir dos Gracos, o prestígio dos velhos é derrocado, o Senado gradativamente perde seus poderes para o corpo militar que é constituído por homens jovens.

Com a ascensão do cristianismo sobre o mundo antigo, a nova religião renunciou alguns princípios para conseguir expandir-se, sem conseguir influenciar os costumes, foi corrompido pelos povos que converteu. A partir do século III, a cultura clássica é assimilada pela igreja, porém aos olhos dessa cultura salvo raras exceções, a velhice não era bem vista. Segundo o compilador santo Isidoro de Sevilha, “a juventude dura de 35 a 45 ou 50 anos, depois, é *senecte,* para ele a velhice, é assim chamada porque nela as pessoas amesquinham-se, pois os velhos não têm mais tanto bom senso como outrora, e caducam, na sua velhice” (BEAUVOIR, 2018, p. 132).

O fim da alta Idade Média foi marcado por truculência e degradação, o trabalho da terra era muito árduo, logo o velho não participava do labor, a igreja não contribuiu muito para mitigar a condição do velho, o cristianismo retomava tradição do Decálogo de honrar pai e mãe, porém a época é ascética e avessa aos bens e prazeres materiais. No século IV a igreja criou asilos e hospitais, “os velhos devem ter se beneficiado dessas caridades, mas nunca são mencionados explicitamente” (BEAUVOIR, 2018, p. 133).

Os velhos de um modo geral foram excluídos da vida pública, durante o Baixo Império e a alta Idade Média, os jovens conduziam o mundo. Com a expansão econômica, aproximadamente no ano 1000, surge a sociedade feudal e a vassalagem exige força e destreza para defender os feudos com a espada, dados que são confirmados pela literatura da época, os heróis são jovens. “A literatura da alta Idade Média não se interessa pelos velhos. Com exceção de Carlos Magno” (BEAUVOIR, 2018, p. 135).

Rodeado por lendas que exaltavam a juventude destemida, na sociedade feudal, os poderes do pai, envelhecido, era passado ao filho. Nesse período, em todas as instâncias da sociedade, a situação do velho era muito desfavorecida, predominava a força física tanto entre os nobres quanto entre os camponeses. Enquanto os jovens tinham ritos de passagens, iniciação, a infância não existia, bem como, a classe de velhos. “Até o século XIII ou XIV – quando aparece a burguesia – apenas o adulto é considerado” (BEAUVOIR, 2018, p. 138). Era raro encontrar camponeses com idade avançada devido as condições rudes de subsistência, atingir 30 anos era muito significativo.

A literatura dos séculos XII e XIII, bem como os séculos anteriores pouco se interessou sobre a velhice, a iconografia medieval exprime muito mais a uma humanidade analfabeta do que a literatura. A imagem popular medieval que se instituiu nos séculos seguintes é sombria: “é a do Velho-Tempo, alado e descarnado, que segura uma foice” (BEAUVOIR, 2018, p. 144). Era uma visão aterradora da morte, perceber que ela se aproximava à medida que o tempo avançava.

No final da idade média, a vida continua incerta e a longevidade incomum. A partir do século XIII, sobretudo no século XIV, ressurge a vida urbana. A igreja não pune mais a busca pelo lucro, a burguesia progride, surge uma nova nobreza, um patriciado urbano, essa transformação favoreceu a condição dos velhos abastados, o poder da riqueza os beneficia. Já no século XV, a velhice é novamente esquecida e ridicularizada pela literatura que brota nas cortes dos nobres e entre o patriciado urbano.

Na França do século XV, conserva-se o pessimismo dos séculos anteriores, o pensamento da morte permanece veementemente. “O velho é, então, considerado não o outro, mas o mesmo: mas é descrito apenas do exterior, com o único objetivo de desqualificar a juventude e beleza” (BEAUVOIR, 2018, p. 153). No século XVI, a sociedade camponesa continua repetitiva e conservadora; o capitalismo inicialmente desenvolve-se nas cidades italianas; A Renascença estende as tradições da Idade Média. Quanto à velhice, a literatura da época não é menos complacente, despreza-se os velhos julgando-os repugnantes; A Renascença exulta a beleza do corpo, fazendo parecer mais odiável a feiura do velho.

No século XVII, houve uma revolução ideológica com a tomada do poder pelos puritanos que adaptaram o cristianismo a uma sociedade industrial e comercial, mesmo com o progresso econômico, a vida dos velhos miseráveis era difícil. No século XVIII, há um crescimento populacional em toda a Europa, devido a uma melhor higiene a população rejuvenesce. A mortalidade entre os jovens decai, devido a melhor condição de vida, a expectativa de vida aumentou, porém, esse privilégio restringe-se às classes mais abastecidas, os ricos viviam 10 anos a mais que os pobres. A miséria e condições rudes de trabalhos tornavam a vida dos desafortunados fatigante, quando não conseguiam mais sobreviver devido à idade avançada, eram condenados a indigência. “O velho que não fosse sustentado por sua família só podia contar com os auxílios que a igreja lhe prestava.” (BEAUVOIR, 2018, p. 190).

Na segunda metade do século XVIII, houve um sentimento coletivo que influenciou o pensamento europeu, compreenderam a responsabilidade da miséria sobre o indigente que também afetava a sociedade. “O Estado parecia reconhecer que todo homem tem direito à existência: se um homem não pode ganhar a vida trabalhando, a sociedade deve assegurar sua subsistência” (BEAUVOIR, 2018, p. 190). A condição miserável do velho foi um pouco amenizada, com melhores condições de vida e saúde. Devido ao aprimoramento técnico a indústria se desenvolveu, a burguesia em ascensão adquiriu uma ideologia própria, que incluía a valorização da velhice. Nesse período houve uma preocupação com a criança e o idoso.

Houve uma transformação na Europa do século XIX, refletindo significativamente na condição do velho e na percepção que a sociedade fazia sobre a velhice, os mitos que cercavam a velhice foram substituídos pelo conhecimento científico, a medicina estava a serviço da velhice, entretanto essa transformação favorável continuava restrita ao grupo seleto de idosos, salvo algumas exceções.

No início do século XIX, houve uma expansão demográfica, provocado também pelo êxodo rural, o avanço tecnológico encareceu a exploração da terra, os camponeses mais pobres não podiam concorrer com a aristocracia fundiária. Ao final do século, os filhos dos camponeses avolumavam as fileiras do proletariado das indústrias. As transformações foram nocivas para os velhos:

“Nunca na França e na Inglaterra, a condição deles foi tão cruel quanto na segunda metade do século XIX. O trabalho não era protegido; homens, mulheres e crianças eram impiedosamente explorados. ”(BEAUVOIR, 2018, p. 202).

A estrutura familiar na zona rural da França do século XIX continuava patriarcal e a rigidez da autoridade do velho muitas vezes era tirânica, esse modelo de família era restrito aos poucos afortunados. Os camponeses ao envelhecerem sem recursos e sem forças para lidar com a terra, viviam em condições miseráveis, sob os cuidados dos filhos, sem condições para sustentá-los eram abandonados nos asilos, entretanto,

“a lei esforçou-se para defender os velhos contra a aspereza e a negligência de sua progenitura. A uma situação de fato substituiu uma situação de direito. O pai, destituído de seus bens por uma partilha entre vivos, recebia em troca uma renda vitalícia cujo montante era fixado diante do notário: se os filhos se recusassem a pagá-la, ele podia processá-los nos tribunais” (BEAUVOIR, 2018, p. 204).

Lamentavelmente essa proteção teve um preço hediondo, eram numerosos os assassinatos de velhos pais, por violência ou privação.

No século XIX, a diferença sócia econômica é gritante entre o velho privilegiado e o pobre, enquanto o primeiro ocupa lugar de destaque, o segundo é relegado a condição ínfima da escala social. No início do século, instaura-se uma gerontocracia constituída por emigrantes que formavam uma aristocracia fundiária detentora do poder político. Em número menor esta aristocracia perdeu o poder político, para a grande burguesia que enriqueceu, explorando operários e camponeses, emprestando dinheiro a juros. O governo se concentrava nas mãos dos industriais, banqueiros, altos funcionários, advogados, professores e importantes negociantes.

“Tratava-se de uma plutocracia, e a maioria dos ricos eram velhos. As empresas eram familiares, e o chefe delas era normalmente o membro mais velho da família. A renda não era mais o motor da economia: era o lucro, que se acumulava graças aos investimentos” (BEAUVOIR, 2018, p. 208).

Com a consolidação da Revolução Industrial, os bancos assumem cada vez mais importância na economia e política. O capitalismo familiar foi suplantado pelas sociedades anônimas constituídas por ações, fazendo com que o velho perdesse prestígio econômico e político.

O conflito de gerações foi extinto na burguesia francesa, bem como, em todo ocidente. A nova sociedade, para se estabelecer, apaziguou as relações sociais entre as gerações, sem espaço para ressentimentos, os velhos e jovens cooperam para a expansão e progresso dessa sociedade que exige experiência e conhecimento; em muitos campos de atuação profissional, a idade avançada era uma qualificação.

A economia baseada no lucro; rege toda a civilização; portanto, o material humano só é vantajoso enquanto for produtivo. Através do tempo, a ideia de envelhecimento se desenvolveu no âmbito social, psicológico e biológico, porém, os clichês acerca da velhice, legado dos séculos precedentes, foram perpetuados no século XX. Conforme se percebe a seguir:

“Os grandes movimentos políticos, novos e violentos, têm sido quase sempre conduzidos por homens jovens: a revolução russa, o fascismo italiano, o nazismo, a revolução chinesa, a revolução cubana e a guerra da independência argelina” (BEAUVOIR, 2018, p. 219).

Na tecnocracia não há espaço para o antigo, os velhos perderam *status*, agora se recorre à juventude, a autora afirma que: “A ideologia da classe dominante visa a justificar seus comportamentos. Quando ela é governada ou influenciada por pessoas idosas, atribui valor a idade avançada.” (BEAUVOIR, 2018, p. 223). Nas sociedades capitalistas, o contingente de pessoas idosas, gerou um problema social, o envelhecimento suscitou uma questão relevante, a velhice tornou-se o objeto de política, e os velhos não ficaram imunes à exploração do mercado de trabalho e as implicações legais aos quais são submetidos.

A sociedade é dominada por homens adultos e ativos, são eles que protagonizam a história e os espaços de atuação dos indivíduos são ideologicamente limitados por eles, isso se aplica no papel destinado aos idosos nas diversas organizações. Nunca na história da humanidade o velho interferiu no seu percurso, embora, a experiência, memória e conhecimento tenham conferido alguma autoridade e crédito a certos indivíduos idosos ou que as riquezas de alguns, garantidas por lei, lhes conferiram prestígio suplementar, o lugar de pertencimento do velho é sempre submetido aos interesses da sociedade. Especula-se a velhice somente na condição de homem, a mulher e idosa é praticamente invisível nos registros históricos.

O mundo continuamente rejuvenesce e o drama da idade se dá no plano econômico, pois o indivíduo, incapacitado ou sem condições de lutar é dispensável. Nesse sentido a velhice tornou-se objeto de política social que ensejou na institucionalização da aposentadoria, mas é preciso observar, a fixação da idade da aposentadoria. Ela é concebida como um prêmio ou castigo?

Essa mudança compulsória, de classe ativa para inativa é bastante questionável se considerarmos que a idade biológica pode não coincidir com a cronológica conforme a filósofa: “um trabalhador fatigado e gasto não terá as mesmas reações do que aquele que se aposenta em plena forma física e moral” (BEAUVOIR, 2018, p. 278). Embora, para algumas pessoas com consciência política, a aposentadoria seja compreendida como um direito que conquistaram com o trabalho, para outros, a aposentadoria significa a ruína, pois os afasta do mercado de trabalho.

A IMAGEM DA VELHICE EM CÍCERO

Cícero imbuído pelo idealismo político de Platão era avesso aos aristocratas vaidosos da época que assumiam cargos de poder sem o menor empenho ou mérito, porque estavam assegurados pela tradição familiar; desprezava o governo popular que não fazia distinção entre o ignorante e o sábio, para ele esse tratamento igualitário acarretava mais desigualdade. Sua contribuição no campo filosófico foi introduzir a prosa filosófica na literatura, para qual criou extenso vocabulário. Seus tratados de filosofia são escritos com clareza e elegância, com vasto conteúdo histórico e documental – qualidades que o tornaram de grande aceitação e influência inconteste em toda a Literatura Ocidental.

Examinaremos o tratado sobre a velhice, *De Senectude,* no qual o autor expressa seu fervor e dedicação à filosofia, propenso ao estoicismo[[7]](#footnote-7), eloquente, foi notavelmente representante do ecletismo[[8]](#footnote-8) em Roma, influenciado por Antíoco de Ascalônio[[9]](#footnote-9), Platão, Xenofonte[[10]](#footnote-10), Aristóteles.

A ARTE DE ENVELHECER

A velhice é uma fase da vida que abrange a infância, adolescência e vida adulta, há um entendimento que a ela seja vivida com sentimento de fruição, que seja acolhida como uma conquista ou uma dádiva, não como um sentimento depreciativo ou angustiante, vez que, inevitavelmente ela culmina na morte. Cícero demonstra tal preocupação, porém ele é bastante otimista diante do fator fisiológico da velhice. Em *Senectude* os idosos são prestigiados, o filósofo enfatiza que os preconceituosos e ignorantes imputam culpa a velhice de todos os seus vícios e achaques enquanto que as queixas e lamentações devem recair sobre os hábitos. “Os velhos moderados, tratáveis e cordatos suavemente passam a velhice; a impertinência e a rabugice a todos enfaram, estejam na idade em que estiverem.” (CÍCERO, 1998, p. 63). Para os que não têm esse entendimento, tanto a senilidade quanto a juventude lhes serão desgostosos. O pensador, não nega que o recurso financeiro favoreça a velhice, mas nem por isso a questão é resolvida, já que ela não será suportável ao sábio na máxima pobreza, nem ao ignorante na riqueza.

Diante dessas observações o filósofo sugere o exercício das artes e das virtudes, o cultivo desses elementos em todas as fases da vida dá sentido e significado à existência. Nesse sentido, ele compõe uma defesa da velhice, analisando e refutando quatro aspectos pelos quais alguns a considera detestável: primeiro porque os afasta dos negócios; segundo porque torna o corpo mais sujeito a doenças; terceiro porque os priva de quase todos os prazeres e por último a morte está próxima.

I – DOS NEGÓCIOS

O filósofo considera enganosa a afirmação de que a idade avançada impeça a condução à frente dos negócios, para ele, as atividades excludentes seriam aquelas que exigem vigor físico próprio dos jovens. “Os assuntos graves não se administram com a força ou o brusco movimento corporal, mas a prudência, a autoridade e a ponderação” (CÍCERO, 1998, p. 81). Cícero assinala que o Senado romano foi constituído por velhos, assim como outras grandes repúblicas estrangeiras, que também foram comandadas por velhos. Isso evidencia que a velhice no âmbito do trabalho pode ser vivenciada sem o estigma da improdutividade, da ociosidade, considerando que as funções que exige capacidade intelectiva mais do que física pode ser desempenhada por idosos. Valorizar essa habilidade significa a inserção de pessoas com idade avançada no setor econômico social, essa participação ativa contínua pode garantir sua autonomia e independência.

Precisamos debelar a visão equivocada e antagônica, no ambiente de trabalho, de que os profissionais mais velhos são considerados obsoletos, é necessário salientar que a maturidade, conhecimento e experiência adquirida pelos idosos ao longo da vida, são características que pode contribuir favoravelmente no campo profissional. Portanto, é pertinente a defesa que Cícero faz ao assegurar que os velhos têm qualidades necessárias para a execução de funções que exigem tais atributos, lembrando quão prudente são os velhos ao contrário dos jovens.

II – DAS DOENÇAS DO CORPO E DA MENTE

Sobre do abatimento físico e mental, Cícero primeiramente, atribui a debilidade da mente a falta de exercício pertinente. Diz ele: “quer nos homens ativos ou que detiveram cargos públicos, quer nos retraídos à vida privada, a inventividade, com o passar dos anos, perdura na medida em que for trabalhada.” (CÍCERO, 1998, p. 87). O filósofo nos relata que Sófocles com idade avançada debruçado em estudo, teve um pedido de interdição, requerido por seus filhos, alegando debilidade mental. Levado ao tribunal, Sófocles entregou aos juízes a fábula recém escrita, “Edipo de Coloneu”, perguntando aos juízes se aquela obra era de um velho caduco. Ao lerem, os juízes, logo os absolveram por unanimidade. O filósofo demonstra que a mente pode ser exercitada com leitura, no aprendizado de algum um instrumento musical, estudando sobre assuntos diversos, se permitindo aprender algo de novo todos os dias, desta forma, a velhice pode ser produtiva, ativa e aplicada, desde que haja correspondência à inclinação da idade.

Quanto ao aspecto físico, o autor destaca que aquilo que não se pode fazer por falta de vitalidade pode ser compensado, por exemplo, transmitindo prudência aos jovens. Para ele, um velho cercado de jovens estudiosos é uma honraria. O filósofo também afirma que um jovem não deve desejar força além de sua capacidade da mesma forma que não é apropriado que um velho almeje a força de um jovem, que as forças sejam usadas à medida que as tenham e que seja pertinente a própria idade. Segundo ele, “a idade tem seu curso certo e determinado e é uno e simples o caminho da Natureza, de tal modo que a delicadeza é própria das crianças; o arrojo dos jovens; a gravidade, da idade viril; a maturidade natural, da velhice” (CÍCERO, 1998, p. 104).

Cícero sustenta que a doença e a debilidade não são exclusividades da velhice, jovens também são acometidos por esses males, desse modo, é necessário cultivar bons hábitos para manter a saúde física e mental, praticar exercícios moderados, não cometer exageros com alimentação e bebida, o comedimento é a receita para a renovação e equilíbrio do corpo e do espírito. “Os corpos se arruínam com o cansaço e o trabalho, porém o espírito, cultivando-o, adquire novo vigor” (CÍCERO, 1998, p. 109).

III – DA EXCLUSAÇÃO DOS DELEITES E PRAZERES DO CORPO

A terceira acusação contra a velhice afirma que ela não participa dos prazeres. Inicialmente, Cícero cita o discurso de Arquitas Tarentino (Filósofo pitagórico, matemático, astrônomo, estratega, líder político) que atribuía à volúpia todas as atrocidades exercidas pelos homens, ela turva a razão e impulsiona os homens a cometer atos violentos, a voluptuosidade desperta a vilania capaz de destruir pátrias. Enquanto o discernimento é o dom mais precioso do homem, a volúpia é sua maior inimiga. Arquitas afirmava, “não há coisa mais pestífera e aborrecível que os prazeres, os quais, quando maiores e mais duradouros, mais apequenam a razão” (CÍCERO, 1998, p. 113).

Em seu discurso, o filósofo sustenta que os velhos, deles (os prazeres), não sentem falta, como também ilustra que é uma felicidade não serem por eles estimulado. Ele afirma que os velhos não são atraídos por noitadas, pelos banquetes regados com bebidas, logo, estão livres da embriaguez, da indigestão e das noites em claro, isto posto, ele garante que é possível desfrutar dessas atrações, com moderação. Ele lembra seus antepassados que chamavam de *convite*, os encontros de amigos que se reuniam para comer, o faziam com o intuito de promover a união e a sociabilidade. O autor alega que a velhice diminui a lascívia, distancia a bebedeira e o apetite exagerado, mas aguça a conversação, contudo, esses prazeres não afastam os velhos da vida social, estes se deleitam em conversação variada. “A juventude, estando mais próxima dos prazeres, talvez com eles se deleita mais; a velhice, tendo-se mais afastado, desfruta-os na medida do necessário” (CÍCERO, 1998, p. 126).

O pensador também defende o prazer de desfrutar a vida no campo, afirmando que a velhice pode dela se deleitar. Para ele a vida do homem do campo se assemelha com a vida do sábio, ressaltando que trabalhar a terra requer muita sabedoria, acompanhar as estações do ano, aprender com elas, interagir com a natureza, arar e adubar a terra, semear, ver brotar e crescer a plantação, observar como cada cultura se desenvolve. Para o filósofo perceber a natureza da própria terra, que quando bem cuidada devolve o que nela depositamos, é muito prazeroso. Para ele um campo bem cultivado é um regozijo para os olhos “e para fruir desses bens, a velhice não é empecilho, mas, ao contrário, eles a chamam e convidam.” (CÍCERO, 1998, p 136). Por isso o velho pode dedicar-se ao cultivo da terra até ao final da vida.

IV – DA PROXIMIDADE DA MORTE

As pessoas não têm diante de si todo tempo, mas à medida que a idade avança há uma preocupação visto que a velhice da morte se aproxima, Cícero assinala que esse temor é desnecessário, visto que, a morte não é exclusividade dos velhos, os jovens investidos de ousadia, amiúde morrem. Encontramos eco dessa percepção em Sêneca que em sua obra escreve: “tanto os velhos quanto os jovens têm a morte diante dos olhos. Não somos chamados de acordo com a idade e, além disso, ninguém é tão velho que não possa esperar um único outro dia” (SÊNECA, 2019, p. 21).

O jovem espera vida longa, o velho não espera mais vida futura, a expectativa do jovem é a consumação do velho. Vivendo muito ou pouco, o pensador, orienta que cada um se deleite com o período que lhe foi concedido, vivendo bem e honestamente. Diante da precisão da morte, Cícero, aconselha que, “a morte, para não causar preocupação, deve ser pensada desde a mocidade, pois sem meditar sobre ela, é impossível desfrutar sossego e paz de espírito” (CÍCERO, 1998, p. 155). Ele também observa que por natureza há um limite de tempo para a existência de todas as coisas e que devemos acatar esse fato como um preceito divino. Sob influência platônica, defendeu a imortalidade da alma, afirmando que a alma não morre com o corpo ela se liberta para a vida na eternidade, por isso a morte não lhe assusta.

Todo o discurso elogioso que Cícero faz da velhice está fundamentado na juventude sadia e honesta. Sua defesa está ancorada no pensamento platônico, como se percebe ao ler em *A República*, Céfalo, relatando a opinião de Sófocles acerca do envelhecimento: “no que diz respeito aos aborrecimentos, estes têm uma causa, que não é a velhice, mas o caráter dos homens. Se eles tiverem bom caráter e espírito equilibrado, a velhice não lhes será um fardo insuportável” (PLATÃO, 2000, p. 7). Deste modo, comparando as idades ao vinho, Cícero destaca que não é uma regra que todos os vinhos se acidulam com o passar dos anos, do mesmo modo, nem toda a idade se azeda com a passagem do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice desde a antiguidade, majoritariamente, sempre esteve relacionada ao desgaste do organismo e à perda de privilégios sociais. Pode-se observar que a tônica negativa que ainda hoje norteia a ideia de envelhecimento seja legado de séculos de desconhecimento e preconceito acerca do tema. Ao examinar o envelhecimento humano, a partir de Beauvoir e Cícero, verificou-se que não há um consenso na percepção e compreensão sobre a velhice. A primeira traça o processo de envelhecimento como um período conflitante, decrépito, mórbido, condição que por vez, exclui o indivíduo do âmbito social. Já o segundo concebe a velhice como uma fase da vida que pode ser proveitosa, alegando que ela possibilita novas aprendizagens, destacando ainda, que o velho pode ser um sujeito social ativo.

Baseado nos apontamentos dos autores entende-se que a percepção acerca da velhice é complexa. Portanto, como pensar a velhice? Já que, a sociedade antiga, bem como, a contemporânea, sempre negou a velhice e enalteceu a juventude, ressaltando que essa negação talvez ocorra porque ela revela nossa característica finita. Porém, nunca se viveu tanto na história da humanidade, o avanço da ciência, da tecnologia, a evolução da medicina, o melhoramento das condições de vida e de trabalho, são fatores que contribuíram para o aumento da expectativa de vida.

Atualmente, esbarramos com o fato de que um grande número de pessoas atinge a longevidade, isso demanda a entendimento do processo de velhice, como uma fase do desenvolvimento humano que abrange toda nossa existência, se temos a compreensão, que envelhecemos dia a dia. Por isso, o processo exige mudança de paradigma, esse modelo segmentado entre jovem e velho, requer superação, devemos estabelecer alianças afetivas através do diálogo, da educação, do conhecimento, afinal o jovem de hoje será o velho de amanhã.

Mesmo que a ideologia utilitarista tenha difundindo uma visão equivocada sobre a velhice, ao relacioná-la a um estado patológico gerador de invalidez, devemos debelar essa identidade negativa. Nesse sentido, podemos adquirir uma perspectiva positiva acerca do envelhecimento, assimilando que essa fase da vida não contempla somente perdas, ela também tem conquista, ela poder ser produtiva ou pode ser satisfatoriamente vivida sob a perspectiva do descanso ou da inatividade de acordo com as inclinações de cada um, afinal envelhecer também é um fenômeno individual. Aceitar nossa finitude pode nos ajudar a significar nossas vidas, sem animosidade ou queixas por que o tempo passou. Podemos viver o presente, sem se preocupar com o futuro nem desejar voltar ao passado, não há uma idade certa para vivermos plenamente, cada fase etária apresenta seus próprios dramas. A idade é um limite cronológico, logo, não há necessidade de ser estigmatizada culturalmente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARISTÓTELES, **Retórica,** tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa – Portugal, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**, tradução Maria Helena Franco Martins, 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2018.

CÍCERO, Marco Túlio. **Cato maior seu de senectute**. Tradução Mario Kury. Ed. EDIPUCRS, Porto Alegre, RS, 1998.

MAUTNER, Thomas. **Dicionário de filosofia**. Ed. Loyla. Lisboa – Portugal, 2011.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.

PLATÃO, **A república**, tradução Enrico Corvisiere. São Paulo. Ed. Nova Cultural Ltda, 2000.

REALE, Giovanni. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**, v. 1. Tradução Ivo Stormiolo. São Paulo: Paulus, 2003.

SÊNECA, ca 4 a.C. – ca. 63 dC. **Aprendendo a viver**. Tradução de Lúcia Sá Rebello. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

1. Artigo apresentado para obtenção de nota parcial na disciplina, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Licenciatura em Filosofia, na Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduanda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. [↑](#footnote-ref-2)
3. Professor Mestre Amarildo Fernandes Pessoa, integrante do quadro docente do Curso de Filosofia da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. [↑](#footnote-ref-3)
4. Simone de Beauvoir, nasceu na cidade de Paris, capital da França, em 9 de janeiro de 1908 e faleceu na mesma cidade em 1986. Estudou Filosofia na Universidade de Sorbonne, onde entrou em contato com outros jovens intelectuais como René Maheu e Jean-Paul Sartre, com quem manteve um longo relacionamento; escreveu obras de grande repercussão, em 1949 publicou sua célebre obra, “Segundo Sexo”; “Memórias de uma moça bem comportada”, obra autobiográfica e existencialista lançada em 1958 em que a filósofa se utiliza das próprias experiências e histórias vividas para criticar a opressão moral e religiosa à qual as mulheres de sua geração estavam submetidas. [↑](#footnote-ref-4)
5. O existencialismo é a doutrina filosófica que centra sua reflexão sobre a existência humana considerada em seu aspecto particular, individual e concreto. Embora a denominação mais difundida nem sempre ela é aceita como a mais correta. Mesmo entre os seguidores do movimento existencialista há os que rejeitam formalmente o termo para designar sua doutrina, preferindo, alguns deles, a expressão filosofia da existência. (Cf. PENHA, 1982) [↑](#footnote-ref-5)
6. Dos autores romanos da antiguidade, é Marco Túlio Cícero que se tem conhecimento mais detalhado sobre a vida e obra; nascido em 3 de janeiro de 106 AC ou 64 ad UC; no Lácio, a sudeste de Roma; Cícero envolveu-se intensamente na política da Urbs, percorrendo, desde muito cedo, todo o *cursus honorum*, com viagens e permanências no exterior, quer em estudos (na Grécia), quer em atividades político-administrativas (Sicilia, Cilícia), no exercício de suas funções deixou marca e fama; não gozava de boa saúde, faleceu aos sessenta e três anos. (CÍCERO, 1998, p. 9). [↑](#footnote-ref-6)
7. Um dos mais populares sistemas filosóficos nos períodos helenístico e romano. Foi fundado por Zenão de Cítio em 308 a.C., e recebeu o nome do Pórtico Pintado ou Arcada (Stoa) onde Zenão ensinava em Atenas, na ágora (mercado). Como escola, durou pelo menos até o século III d.C., mas, como sistema, influenciou os pensadores cristãos até muito mais tarde, e foi recuperado na renascença (MAUTNER, 2011). [↑](#footnote-ref-7)
8. Um pensador eclético é aquele que seletivamente adota ideias de diferentes fontes, para combiná-las no desenvolvimento de uma teoria. Um ecletismo moderadamente ceticizante foi defendido por Cícero (106-43 a. C.), o qual foi a mais sólida ponte através da qual a filosofia grega entrou no mundo romano. (Cf. REALE, 2003, p, 305) [↑](#footnote-ref-8)
9. Sucessor de Fílon, Antíoco de Ascalon (falecido pouco depois de 69 a.C.), rompeu definitivamente as pontes com o Ceticismo e declarou a verdade não só “existente”, mas também “cognoscível”. Procurou mediar de modo eclético contributos de Aristóteles, de Platão e em particular dos Estoicos. (Cf. REALE, 2003, p. 305). [↑](#footnote-ref-9)
10. Xenofonte (430 a.C. -355 a.C.), discípulo de Sócrates, ele foi autor de inúmeros tratados práticos sobre assuntos diversos, economia doméstica, política, história, etc. É notável a sua *Cyropaedia (A Educação de Ciro*), que apresenta a educação de Ciro, o imperador persa, como exemplo digno de seguir (MAUTNER, 2011). [↑](#footnote-ref-10)